

Excertos do livro: "De Lisboa a Lisboa, Passando por Angola"

João Gouveia, Furriel Miliciano de Infantaria
C.Caç. 4742/72 – Lufico, Angola

História resumida da minha vida militar

Assentei praça no RI-5, Caldas da Rainha no dia 3 de Janeiro de 1972 para onde fui tirar a recruta do CSM. Iniciava assim a minha vida militar que durou até 18 de Dezembro de 1974. Para mim tudo aquilo era novidade, nunca tinha entrado em nenhum quartel, apesar de me informar com amigos que por lá já tinham passado, uma coisa é ouvir dizer, outra bem diferente é a experiência na primeira pessoa. Não foi difícil a adaptação, sou um tipo de bom relacionamento e trato fácil, adapto-me bem a qualquer circunstância. Recordo-me dos primeiros amigos “feitos” logo assim que entramos na caserna – o Ribeiro, tripeiro de gema, com aquele característico sotaque nortenho, o Leandro de Odivelas, reguila mas um camarada às direitas, o Ferreira de Santarém, o Silva de Bragança, enfim, estes foram os primeiros em que a empatia foi imediata, outros houve, recordo-me do Gaspar de Lisboa que não deixou ninguém dormir nos primeiros dias, chorava a bom chorar, nós lá o ia-mos confortando e a coisa lá foi passando com o decorrer dos dias. Dizer ainda que como praticava desporto, na componente física não tinha o mínimo de problemas, como se diz, fazia aquilo com uma perna às costas. Quer o tenente quer os furriéis (os quais não me recordo do nome) eram gente boa, compreensíveis e bons camaradas. A alimentação era boa só quando era carne de vaca é que as coisas se complicavam, odeio carne de vaca, mas claro, aqui entrava a reserva vinda de casa. Recordar ainda que o primeiro “pré” (não me recordo a quantia) mas junto ao mesmo, deram-nos dois rolos de papel higiénico.

Segue-se o “tenebroso” CISMI, Tavira. Se o RI-5 era o “céu”, do CISMI passei ao “inferno”. Sabia que as coisas aqui seriam mais complicadas - mais instrução, mais teoria, mais disciplina, mais responsabilidade, etc.. O quartel era velho e com poucas condições, a alimentação intragável, sem o mínimo de higiene, no meu tempo houve por duas vezes tentativas de levantamento de rancho, enfim, a juntar a tudo isto, um comandante de companhia (capitão Falcão – “vira-milho”) exageradamente militarista e com pouca cultura e um comandante de pelotão (alferes Cunha) de trato difícil e sem respeito pelos instruídos, para ele era-mos apenas números. No primeiro dia, em plena Atalaia, aquando da apresentação do capitão e restantes responsáveis à companhia, o Cap. Falcão apenas disse – *“quando o mar bate na rocha sabem quem se fode? É o mexilhão, e aqui o mexilhão são vocês”*. Os restantes considerandos foram os alferes que se pronunciaram. Recordo as idas às salinas de onde saía-mos de lá totalmente carregados de lama podre, os crosses de dez quilómetros todos os dias, as bolas de Berlim que se compravam nos intervalos da instrução na Atalaia a uma senhora muito simpática, a difícil pista de obstáculos e as carecadas (leveí duas) com que o “nosso” “vira-milho” tanto gostava de nos “castigar”. Terminei o curso com 13,6 valores, não foi mau de todo.

Terminado o curso do CSM, já como “cabo-miliciano” e depois de umas férias bem merecidas, enviaram-me novamente para o RI-5 para dar uma recruta. Voltei ao “céu”. Quarto individual, alimentação na messe de sargentos, possibilidade de encher o depósito de gasolina do meu Mini dentro do quartel a

Excertos do livro: "De Lisboa a Lisboa, Passando por Angola"

2\$50/litro, para além de o poder levar para o interior do quartel, sair e entrar à civil, etc., ou seja, umas benesses das quais não estava habituado, e claro, transmitir aos novos recrutas os ensinamentos que adquiri.

Acabado de dar a recruta e quando esperava por uma nova chamada para o RI-5, eis que surge um telegrama a indicar-me o novo destino – RI-2 Abrantes. Pensei, agora é que é, vais formar batalhão e ala para o ultramar. Para meu espanto e não só, cheguei ao RI-2 e nada, estava “vazio”, estavam apenas as duas companhias de “velinhos” da praxe que asseguram os serviços inerentes (cozinha, limpeza e manutenção, reforço, etc.) de batalhão, nada. Ao apresentar-me ao oficial de dia este, num tom de ironia disse-me – *“o nosso cabo-miliciano vem cedo de mais, só esperamos batalhão em Outubro, é melhor ir falar com o nosso sargento-ajudante”*. Lá fui, o homem assim que me viu disse-me o mesmo – *“o que vem para aqui fazer agora? Quem o enviou para cá?”. O tipo entrava e saía do gabinete sem saber o que me fazer, se havia de me mandar para casa, ou não. A situação chegou ao comandante, um coronel (não me recordo o nome) bem simpático e que me recebeu no seu gabinete. Conversamos durante uns minutos e no fim disse-me: *“diga ao nosso sargento-ajudante que lhe de um passaporte por quinze dias, vá para casa e aguarde que o chamemos”*. E assim foi, lá vim eu para casa gozar umas férias extra. Não voltei ao RI-2 porque entretanto quase a perfazer os quinze dias, recebo um telegrama para me apresentar no DGA (depósito geral de adidos) na Calçada da Ajuda. Lá fui, e aqui pensei “lá vais para uma rendição individual”, mas não, também aqui não tinham nada para mim, não sabiam o que estava ali a fazer, do meu processo, nada de nada, mas o telegrama era dali, lá foram à procura de quem o enviou e de quem deu a ordem, entretanto, passou mais de uma semana, até que aleluia, estás mobilizado para Angola e vais integrar a C.Caç. 4742/72 - BII-17, Terceira – Açores. Porreiro, disse eu, e quando, perguntei – vais para casa que nós dizemos-te.*

E assim foi, no dia 29/10/1972 a bordo do navio Angra do Heroísmo lá segui a caminho dos Açores. Mas as histórias de enganar e desenganar não ficariam por aqui. Chegado aos Açores, a companhia na qual iria fazer parte estava de férias, tinha acabado de fazer a especialidade e esperava transporte para o continente afim de efectuar o IAO. Novamente encontrei o quartel “às moscas”. O único elemento pertencente à C.Caç. que se encontrava era o primeiro-Sargento Maldito, (o nome não tem nada a ver com a pessoa, o 1º Maldito era uma excelente criatura, amável e prestável) foi ele que me orientou e me aconselhou. Entretanto, por motivos que me são alheios, os militares da C.Caç. permaneceram de férias mais tempo do que o devido, o que fez com que eu que não estava a fazer nada nos Açores, regressasse ao continente a 16/11/72. E como já se sabia o quartel do IAO (Brancales – Setúbal) esperei pelos meus camaradas em casa até ao dia 15/1/73, data da chegada da Companhia a Setúbal. Como se verifica, por causa de enganar e confusões de ordem burocrática, passei uma “rica” vida militar desde que saí do RI-5 a 30/9/1972 até Brancales – 15/1/1973.

Em Brancales, para além de finalmente conhecer os meus camaradas que me iriam acompanhar durante a comissão, as coisas não podiam correr melhor. Estava a vinte minutos de casa, onde ia todos os dias, mesmo quando a escala

Excertos do livro: "De Lisboa a Lisboa, Passando por Angola"

me indicava um serviço, havia sempre um camarada que mo fazia. A instrução em si foi a normal neste tipo de componente (IAO) – bastante conversa acerca do que nos esperava, bastante fogo real para pessoal se ir habituando ao “barulho” da G3, nada de ordem unida e essas tretas que na “guerra” não eram necessárias e muitas operações simuladas pela serra da Arrábida.

A partida para Angola deu-se no dia 29/3/1973 num Boeing-707 dos TAM, na base militar do Figo-Maduro pelas 23H. Prescindi do habitual acompanhamento de familiares na despedida, fi-lo no recato de casa junto de minha mãe, pai, irmã e namorada antes de ir para Brancanes de onde partimos para Lisboa, por este motivo fui de táxi, dos amigos fi-lo na véspera. Dizer que no táxi a caminho de Brancanes, também chorei e muito, aqui deixo uma palavra para o Sr. Gaspar (motorista do táxi) que já passando pelo mesmo (comissão na Guiné) me acalmou e disse-me palavra de ânimo.

Chegamos a Luanda no dia 30/3/1973 pelas 8.30H, ao Grafanil eram cerca de 11H. O clima começou logo a fazer os seus efeitos, nada que não nos tivessem avisado, mas principalmente a humidade começou a fazer das suas. Depois de Instalados, a primeira coisa que fiz, ainda antes do almoço, foi tomar um banho, mas qual banho, assim que saía do duche ficava novamente transpirado, voltava e novo duche, até que o nosso Primeiro Maldito me disse – *“quanto mais banho toma mais suado fica, deixe o organismo habituar-se, vai ver que daqui por uns dias é tudo normal”*. Ainda antes das análises e vacinas da praxe (nenhuma me custou a levar), fui ao bar beber uma “coisa” que na metrópole era proibida – Coca-Cola, levava essa na ideia e até comentei com alguns camaradas, a primeira coisa que faço mal chegue e tiver oportunidade, é beber a bebida “proibida”, e assim foi. Fiquei impressionado com Luanda, a sua grandeza, as suas gentes, a gastronomia (aqui destaco o baixo preço do marisco) e, acima de tudo, a forma descontraída das pessoas. Não gostei e isso foi-me logo evidente, a enorme diferença (cultural, económica e social) entre negros e brancos.

Como é normal, tentei saber algo mais sobre o Lufico. Praticamente com quem falei ninguém conhecia semelhante local. Até que ao falar com um primeiro-sargento fiz-lhe a tal pergunta – *“ó meu primeiro, sabe alguma coisa sobre o Lufico?”*. Resposta pronta – *“olha aqui levaste alguma “porrada”? “Para lá só vão gajos com castigos, aquilo é o fim do mundo, não interessa a ninguém, no início da guerra aquilo era um inferno, agora não sei. Mas uma coisa te digo, estás fodido”*

Mesmo desiludido, lá parti para o Lufico no dia 3/4/1973 pelas 11H, onde me esperavam cerca de 750Km em camionetas civis (pessoalmente calhou-me uma Volvo) sem escolta até ao Caxito, a partir daqui, sim, juntaram-se-nos várias viaturas militares para nos levar/escoltar até ao Tomboco. No Ambriz fizemos a primeira paragem, sempre deu para beber uma cerveja fresca e desentorpecer as pernas. Chegados ao Ambrizete, a coluna parou defronte ao quartel paredes-meias com o célebre Hotel Sol-Praia (vulgo) Hotel da Madrinha. Aqui estivemos mais tempo e para além de duas ou três Nocais frescas, dei uma saltada à praia (mesmo ali a meia dúzia de metros) e desanuviar um pouco. A próxima paragem foi no Tomboco e aqui sim, já cheirava a guerra, o alcatrão tinha ficado para trás à muitos quilómetros, e como era já noite escura a

paisagem era mais tenebrosa. No Tomboco a escolta que nos tinha “carregado” desde o Caxito foi substituída pelos nossos camaradas da C.Caç. 3410 os quais ia-mos render. Apesar de ser noite cerrada, deu para verificar, mesmo superficialmente as características da zona – muita mata densa, picada estreita e sinuosa, muitas pedras enormes em certas zonas, enfim, seja o que Deus quiser. Cheguei ao destino (Lufico – Zaire) cerca da 1H da madrugada.

Chegado ao Lufico, onde fomos extraordinariamente bem recebidos pelos nossos camaradas na 3410 e depois de nos instalar-mos, digo que foi uma noite em claro, não consegui pregar olho – os cheiros, o ambiente, o cacimbo, os sons, as memórias, as incertezas, etc., fazia com que me sentisse estranho e confuso. Para mim tudo era novidade e, não direi medo, mas um enorme receio. O que iria ser dali para a frente? O que iria-mos encontrar? Como nunca embarquei em notícias da “caserna” das quais umas diziam que aquilo (Lufico) era do pior, outras que aquilo levava-se com facilidade. Eu, que sempre pensei pela minha cabeça e sou mais de ver-para-creer, tentei interiorizar que afinal “aquilo” é feito para pessoas normais e do outro lado (IN) estão também pessoas como eu, com os mesmos problemas e ansiedades, por tal, desliguei o interruptor do pessimismo e segui em frente.

O Lufico era um quartel isolado (sem população civil), pertencia à província do Zaire e ao sector de S. Salvador. Antes de 1961 tinha sido uma enorme povoação, bastava atentar ao enorme pomar de citrinos que existia, às óptimas terras de cultivo e ao enorme edifício senhorial/colonial onde presumivelmente vivia o administrador. As povoações mais próximas eram, o Tomboco a sul e M’Pála a norte, a primeira distava cerca de 80Km, a segunda 45Km. As instalações de uma maneira geral eram razoáveis e dentro dos parâmetros normais, nada diferentes de outras congéneres. No edifício que já falei ficava – as messes de oficiais e sargentos, o gabinete do capitão e os aposentos dos oficiais. As casernas das praças eram o normal de outros aquartelamentos, dos furriéis era um edifício pré-fabricado com boas acomodações, o resto era por assim dizer o trivial.

A minha primeira saída foi do dia 21/4/1973 ao Tomboco para escoltar o MVL que nos trazia os vários alimentos e outros materiais de logística. Claro que parti com receio, era a primeira vez “a sério”. As nossas colunas eram compostas (sempre) do seguinte: dois pelotões (+/- 60 homens), duas Berliet (uma na dianteira outra na retaguarda) com as respectivas MG-42 ou Breda, no meio da coluna ia mais um Unimog 404 equipado com uma MG-42 ou Breda. Cada pelotão levava ainda – 1 morteiro-60, 1 – lança-granadas e uma HK-21, para além dos graduados irem munidos com diversas granadas defensivas e ofensivas. Começamos logo de início a incutir muita disciplina nos militares, nada de baldas e talvez por isso, nunca fomos emboscados, apesar de o IN as ter preparado algumas vezes, mas como se verifica, o poder de fogo era grande e afastava qualquer veleidade. Claro que aquilo para mim era novidade, nomeadamente na componente psicológica, como em tudo na vida, uma primeira vez é sempre mais difícil. Mas a juventude também ajudou, nós, enquanto jovens, somos mais corajosos.

No Tomboco, pude verificar pela primeira vez o que era a vida quotidiana numa zona de guerra, quer de autóctones, quer de europeus e/ou seus descendentes. E a primeira coisa que me despertou a atenção foi a gritante diferença entre estas duas populações, ou seja – os autóctones viviam em “casas” de colmo e

barro sem o mínimo de condições, os europeus em casas de alvenaria com todas as condições. O ambiente entre estas duas classes sociais apesar de aparente “paz” e de estarem inter-ligadas, as coisas na prática não eram bem assim. A população “branca” dependia na sua esmagadora maioria do comércio-geral e de propriedades agrícolas, existiam um ou outro que trabalhava para estes ou na administração. A população negra, vivia na sua maioria da agricultura e alguns como assalariados daqueles. Assisti a alguns episódios caricatos entre patrões (brancos) e assalariados (negros) os quais me decepcionam sobremaneira. Conto este porque me pareceu abusivo e que demonstra que afinal a tal “paz” era miragem – um pequeno agricultor negro vendia os produtos da sua lavra a um comerciante, este tinha o tal comércio-geral onde tudo se vendia. O agricultor e sua mulher, estavam a adquirir produtos alimentares cujo pagamento era efectuado com os produtos por ele produzidos. Às tantas as contas não batiam certo, pois o comerciante estava a inflacionar o preço dos alimentos, enquanto baixava o valor dos fornecimentos, o agricultor ainda tinha de repor dinheiro. A conversa azedou e o agricultor disse que assim iria vender os seus produtos a outro comerciante. Resposta do dito – *e pensas que aqui no Tomboco alguém te compra alguma coisa? Basta eu falar com eles e dizer para não te comprar nada e eles não te compram mesmo. Se queres como eu digo, tudo bem, se não só comes mandioca.* Esta conversa passou-se à minha frente enquanto juntamente com mais uns camaradas bebia-mos uma cerveja. Pensei, como não há-de haver guerra, esta gente tem forçosamente de estar contra nós. A partir deste episódio, redobrei a minha atenção perante uns e outros (brancos e negros), e nunca descurei a segurança quando vinha ao Tomboco.

No quartel, as rotinas eram interrompidas apenas pela chegada da avioneta do correio, por jogos de futebol inter-pelotões, as idas à caça e a visita de um ou outro alto-graduado de S. Salvador, no mais, para além dos serviços inerentes à situação (sargento de dia), a minha função residia fundamentalmente em operações de dois, três ou quatro dias e colunas ao Tomboco para efectuar segurança e protecção ao MVL que nos abastecia, também efectuava quando era necessário, protecção a elementos da JAEG quando esta andava em trabalhos de reparação das picadas. De resto, a vida no quartel era monótona e bastante stressante, onde a partir de certa altura preferia sair do que permanecer, e não foram poucas as vezes que apesar de não estar escalado, ia com camaradas de outros pelotões à água, à lenha, etc.. só para manter a cabeça no lugar.

A monotonia em quartéis isolados (sem população) era uma das causas de stresse, tivemos pelo menos dois casos graves e outros menos graves. Dou como exemplo o soldado Cabral. Era casado e pai de filhos, a sua maneira rebelde de ser não o beneficiava, o capitão também não ajudava, a sua integração no capítulo psicológico merecia um tratamento especial, o Cabral sentia-se isolado, desprezado até, os amigos contavam-se pelos dedos e uma mão, eu incluí-me neste lote. Os sinais que o Cabral vinha transmitindo demonstravam isso mesmo - desorientação, afastamento dos camaradas, desinteresse pelas normas, etc.. Um dia, já a noite ia alta, fomos interrompidos por vários tiros e uma enorme gritaria, era o Cabral totalmente “passado”. Queria matar o capitão. Como é habitual nestas circunstâncias a maioria do pessoal entrou (quase) em pânico, o Cabral no centro na parada aos tiros e aos gritos *“eu mato esse desgraçado, depois mato-me a mim, vem cá para fora se*

não vou eu aí". Como era amigo dele, e penso que seria dos poucos que compreendia a sua situação, ele sabia disso e ao ouvir a minha voz disse – *"você, furriel Gouveia pode vir, outro que se aproximar eu mato-o"*. Disse-lhe para se acalmar que eu ia falar com ele. E assim foi, falei com calma, ele desabafou, descomprimiu, e disse-lhe – *queres dar cabo a tua vida, tens mulher e filhos o que será deles, o que vão dizer amanhã quando souberem que o pai foi um covarde, não vês aquela malta (só os oficiais) toda preparada para te dar um tiro, dá cá a G3 vai para a caserna que amanhã falamos melhor*. A conversa demorou mais de uma hora, até que o bom do Cabral desatou a chorar, agarrou-se a mim e disse – *"se não fosse pelos meus filhos metia uma bala na cabeça"*. Dois dias depois veio uma DO e levou-o para Luanda. Nunca soube qual o destino do Cabral. Este episódio recordo-o assiduamente e penso, quantos casos semelhantes não aconteceram. Ouve outro caso, não com a gravidade deste, com o 1º cabo Rodrigues, também ele evacuado, também nunca soube o seu destino. Outros houve com menos gravidade, muitos remetiam-se ao silêncio, outros na bebida, outros ainda (casados principalmente) recorriam à masturbação várias vezes por dia, o que lhes retirava concentração e destreza, dei com alguns que até no mato em operações o faziam. Alguns vinham ter comigo, desabafavam e choravam, e, depois de umas palavras de conforto lá melhoravam, aparentemente. O isolamento, para mais naquelas circunstâncias, era um sofrimento atroz, que só com muita força interior se conseguia ultrapassar.

Em Dezembro de 1973 numa deslocação a Ambrizete afim de ir levar mas viaturas avariadas ao PAD e trazer outras de substituição, deu para estar três dias em beleza. Fiquei instalado no Hotel Sol-Praia (vulgo) Hotel da Madrinha, paredes-meias com o quartel, dei uns mergulhos na praia, bebi e comi umas belas imperiais e marisco no Brinca na Areia. No segundo dia, estava eu acompanhado de dois camaradas (o Pereira e o Carneiro) a saborear uma bela sapateira, quando nisto, a um canto da sala, ouvimos uma enorme algazarra. Afinal o que se passou. Dois tipos (que se identificaram como agentes da PIDE/DGS) agrediam selvaticamente um funcionário (negro) só pelo facto de este ter entornado sem querer, um copo de cerveja por eles pedido para o chão. Sem saber quem eram (só se identificaram depois) dirigi-me ao local, afastei-os e recolhi o funcionário que sangrava por todos os sítios, levando-o de imediato para a enfermaria do quartel afim de ser tratado. Voltei ao Brinca-na-Areia (e foi aqui que os facínoras se identificaram), e sem mais delongas perguntaram-me qual era o meu número de identificação militar e a unidade. Claro que nada lhes dei e apenas lhes disse – *"vocês, com este tipo de actos só lhes vêm dar razão (ao IN), e depois somos nós militares que pagamos em emboscadas a vossa cobardia, o que o rapaz fez foi accidental, acontece a qualquer um, se fosse branco faziam o mesmo?".* Responderam – *"que não tinha nada a ver com isso, era assunto deles a tropa não se mete nestes assuntos"*. Voltei-lhes as costas e vim embora. Reparei entretanto que no dia seguinte, quando nos viemos embora, um deles estava a presenciar a nossa saída, provavelmente ficou impressionado com a robustez da nossa coluna (sessenta homens e um enorme poder de fogo), para mais, penso que se informou quem éramos e onde estávamos aquartelados, provavelmente mais impressionado ficou.

Excertos do livro: "De Lisboa a Lisboa, Passando por Angola"

Em Dezembro também (dia 15) durante uma operação de quatro dias a nível de dois pelotões (2º e 3º) ao limite da nossa zona de acção para Norte, patrulhando ambas as margens do Rio Lué-Grande, deparamo-nos com um acampamento IN, cujos elementos ao sentirem a nossa presença fugiram em demandada deixando para trás o seguinte: 2 - HK-47, 1 - FN, 5 - cartucheira de HK-47, 1 - cartucheira de FN, 2 - granadas ofensivas, várias munições e cerca de 300 Kg de carne, a qual destruimos. Encetamos de imediato a perseguição durante todo o dia, o que nos fez palmilhar montes e vales, matas e savanas, rios e ribeiros, procurando vestígios que nos indicassem o itinerário por eles seguido. Nada conseguimos. Não deveriam ser mais que meia-dúzia de elementos, atentando às tendas montadas e ao armamento encontrado. Como zona de passagem/infiltração IN, aquele acampamento destinava-se a recolher alimentos/caça, que depois de secos e ensacados se destinavam a bases de guerrilheiros mais a sul. Como nota de roda-pé, durante a perseguição encontrei um kiko de orelhas que me acompanhou durante a comissão e o qual ainda guardo religiosamente.

2 de Setembro de 1973. A tragédia aconteceu, não pela emboscada em si, coisa rotineira, mas pela crueza do desenlace. Sete mortos, quatro adultos, três crianças e dois desaparecidos, todos civis - o Administrador do Tomboco, três crianças menores filhas deste, um mecânico da JAEA, o Soba e um segurança. 8,30H de uma manhã como tantas outras, a coluna da C.Caç 4742 preparava-se para partir rumo ao Lufico trazendo consigo três viaturas civis do MVL com os habituais abastecimentos de alimentos duráveis (os alimentos frescos vinham de DO) e bebidas, assim como rações de combate e outro material logístico. Antes da partida, demos pela presença de uma viatura civil Land-Rover, que nos informou que seguiria na coluna até um determinado local onde iriam caçar. Foi-lhes dito dos perigos que poderiam correr, para mais com crianças e a acontecer algo, a responsabilidade era totalmente deles. Cerca de dez/quinze quilómetros depois, o Land-Rover parou e nós seguimos o nosso caminho. Não nos deram ouvidos, depois aconteceu a tragédia. Ao chegarmos ao Lufico tivemos a informação que não desejava-mos, o Land-Rover tinha sofrido uma emboscada. Imediatamente seguiram para o Tomboco dois grupos de combate em apoio à C.Caç lá sediada. Chegados ao local deparamo-nos com o horror. O que mais me repugnou foram as crianças (entre os 6 e 12 anos), senti naquele momento uma enorme revolta interior e pensei - quem fez isto não é humano. Aos adultos foram cortados os genitais, ao soba a cabeça, dos desaparecidos nunca mais se soube deles. Entretanto muitas histórias se contaram sobre o sucedido, a especulação tomou conta da tragédia, a verdade, as motivações e tudo o mais que esteve por detrás do trágico acontecimento, nunca se saberá. O resto é história.

A minha opinião acerca da tragédia

Existem várias versões consoante as perspectivas de cada um, como aliás é apanágio da nossa gente. Mesmo juntando todas e analisa-las, a coisa continua a dar ZERO. A versão mais corrente entre os brancos (civis) no Tomboco era que lhes foi armada uma cilada (armadilha) por parte de "civis" negros cujas mulheres os andavam a trair, não com o administrador mas sim com o mecânico. Foram contratados ou contactados elementos da FNLA para fazer o

"serviço". Outros dizem que "aquilo" foi para liquidar o "soba" de seu nome Seque, segundo diziam era um homem rude e uma besta para os negros.

A pergunta que fica é:

O que levou o administrador a embarcar naquilo? De certeza (a serem verdadeiras ambas as versões) que ele (administrador) estava informado da situação, como sabemos "eles" sabiam tudo. Ou afinal aquilo não passou de alguma irresponsabilidade. Penso que esta lamentável "história" se poderá resumir, a três pontos:

1 - Houve muita incúria por parte do administrador e que resultou em catástrofe, para mais levar os filhos naquela "aventura".

2 - Se o objectivo do IN era liquidar o mecânico ou o soba (o que me deixa muitas dúvidas), haveria formas de os eliminar no Tomboco.

3 - A razão que levou o administrador a embarcar naquela aventura, poderia ter outros objectivos? Penso que nunca se saberá. Aliás, a história colonial portuguesa e não só, está cheia de episódios semelhantes. Agora sinceramente, não venham com histórias de "traições" conjugais e/ou outras semelhantes. O IN sabia de todas as nossas movimentações, estavam bem informados, tinham uma enorme vantagem, para além de conhecerem o terreno, tinham toda uma rede de "espiões" que abrangia praticamente toda a população negra e não só, dizer-se que esta estava do "nosso lado" era uma utopia na qual nunca acreditei. Presenciei (presenciamos) situações de racismo puro e duro e isto com treze anos de guerra, imagino o que seria antes. Por muita psicologia e propaganda, muita tentativa de integração, as coisas nunca foram nem seriam a contendo. Um dos erros do colonialismo que era bem visível, era o facto de se querer europeizar Angola, isto foi, quanto a mim, um dos erros primários do sistema colonialista. O IN teve (nós sabíamos-lo) várias emboscadas preparadas, nunca o conseguiram, não lhes dava-mos hipóteses. E a razão era simples: disciplina, organização, armamento e número de efectivos.

Muitas peripécias me aconteceram durante as operações. Ou eram as pacaças, os burros-do-mato, as cobras, ou outro qualquer bicharoco mais ousado, até elefantes, mas a tudo a malta encarava de forma natural, sem que numa ou outra ocasião as coisas se tornassem mais perigosas. Numa dessas ocasiões a coisa tornou-se complicada. No último dia de uma operação, ao prosseguimos por um trilho que nos iria levar ao local de recolha, deparou-se-nos um pequeno riacho que, por ser época das chuvas, ia com bastante caudal. A mata era densa e o pessoal fazia a progressão com dificuldade, o local de atravessamento do riacho ficava num declive, ou seja, para o atravessarmos tinha-mos de descer até ao dito e depois subir. Eu e a minha secção ia-mos na retaguarda, todo o pessoal passou sem vislumbrar nada de especial, nisto quando um camarada que seguia à minha frente viu um ninho de vespas pendurado numa árvore, e sem mais nada resolveu com um pau tocar no dito. No seguimento, sem dar tempo a fugir-mos, eram milhares as vespas que, qual bando assassino nos atacou sem piedade. Os que já se encontravam no outro lado do riacho ainda tiveram tempo de correr para bem longe sem que alguns ainda levassem umas ferradelas, os que se encontravam ou a atravessá-lo ou, como eu, ainda do lado de cá, lavamos com o maciço dos ferozes atacantes. Resultado da "emboscada", caras e mãos inchados que nem pão-de-ló de Avintes. Valeu-nos o cabo-enfermeiro Sequeira que nos injectou um

Excertos do livro: "De Lisboa a Lisboa, Passando por Angola"

contra-veneno no traseiro, sem que isso não obstasse uma valente febre, que durou vários dias.

O paludismo era um “amigo” que atacava sem nada fazermos para tal. O meu primeiro paludismo foi curiosamente no Tomboco aquando de uma das muitas viagens que lá fiz. Os sintomas começaram no Lufico mas pensei que a coisa com os comprimidos dados pelo Felgueiras (furriel enfermeiro) passava ou pelo menos atenuava. Chegado ao Tomboco a febre já ia alta e as dores no corpo imensas. Falei com o furriel enfermeiro de lá que me disse – *“vai-te meter na cama que já vou ter contigo”*. Dito e feito, enfiei-me na cama, vestido e tudo, enrolado a um cobertor. Nisto, aparece o camarada com uma Coca-Cola e duas Aspirinas. Olhei-o de soslaio e perguntei-lhe para que raio eram as Aspirinas e a Coca-Cola. Respondeu-me – *“bebe lá isso, é o melhor tratamento para o paludismo, daqui a umas horas volto cá com outra dose, vais ver que amanhã não tens nada”*. Muito a contragosto lá engoli a “mestela”. E não é que depois de uma noite aos trambolhões, de manhã acordei todo encharcado em suor, a roupa que trazia e o colchão tiveram de ficar ao sol a secar, para além da ressaca a cabeça parecia uma abóbora, mas uma coisa é certa, o paludismo, esse, foi-se.

Em Agosto de 1974, aconteceu durante uma operação de rotina de um dia, o que poderia ser uma tragédia, Era frequente a malta ir fazendo queimadas durante o percurso, a tarefa estava a cargo dos últimos elementos da fila e os cuidados postos eram salvaguardados. Inesperadamente o vento mudou repentinamente e apanhou-nos totalmente desprevenidos. Eu, que seguia no meio da fila, ainda tive tempo de fugir e subir uns pedregulhos enormes que por lá havia, outros camaradas fugiram no sentido Norte, já que o vento vinha desse quadrante e empurrava as chamas para Sul, os últimos só tiveram tempo de largar tudo o que transportavam e correr desalmadamente, fugindo de morte certa. Felizmente só houve umas pequenas queimaduras em meia-dúzia de camaradas. Mas desta (quase) tragédia, ficou danificado ou destruído o seguinte material: 1 – Rádio Racal, 3 – G3, vários cinturões e cartucheiras.

15/10/1974, o pior dia da minha vida militar. Curiosamente no mesmo dia do fim das hostilidades em Angola. Picada Lufico – M'Pála. Uma coluna com o 2º pelotão vai à lenha, não mais de 5/10 Km. Eram 10,30H, a tragédia aconteceu. O rebentamento de uma mina anti-carro ceifou a vida ao nosso camarada Bernardo Fula e feriu com gravidade o Alferes Prata. De imediato, seguiu o meu pelotão para a zona, ao chegar deparei-me com aquilo que era comum na guerra mas que felizmente ainda não nos tinha chegado. Um camarada nosso jazia no chão sem vida, os restantes muito traumatizados e afectados psicologicamente. O Prata gemia de dor dos ferimentos recebidos, tentei acalmá-lo e foi de imediato tratado pelo enfermeiro Sequeira, seria evacuado para Luanda. Aos restantes afectados, incluindo os que não estiveram directamente ligados ao incidente, também eles bastante traumatizados, os camaradas do meu pelotão faziam o que podiam para os acalmar. Eu, que sou um tipo calmo por natureza, e encaro as coisas com lógica e moderação, não me contive nas lágrimas que me iam saindo, tentando não o mostrar aos meus homens, mas todos as deitaram, sentia-me impotente e desmotivado, para mais, aquela morte aconteceu no dia em que a guerra tinha terminado oficialmente.

Excertos do livro: "De Lisboa a Lisboa, Passando por Angola"

Foi um momento traumatizante para mim que me marcou e marca para o resto da vida.

A 28 de Outubro de 1974, dia de alegria e ao mesmo tempo de tristeza. Alegria porque o final da comissão aproximava-se do fim, sentia o dever cumprido e de ter feito o meu melhor. Tristeza, pela forma *sui-generis* como aconteceu. Abandono puro e simples do quartel, deu a sensação de derrota, só a palavra "abandono" (*Deixar ao desamparo; deixar só. Não fazer caso de. Renunciar a.*

Fugir de, retirar-se de. Deixar o lugar em que o dever obriga a estar. Soltar, largar)

in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

é elucidativa, pois foi isso que fizemos, deixa no ar um certo desapontamento em relação à situação encontrada. Se não haviam alternativas? Talvez. Mas que foi uma situação humilhante, lá isso foi. Digo-o sem nenhuma dose de melancolia, as lágrimas vieram-me aos olhos ao ver pela última vez aquela que foi a minha casa durante dezoito meses.

Em Luanda ficamos instalados no antigo quartel da OPVDCA junto ao Jumbo. Eram instalações novas e com excelentes condições e melhor ainda, quase no centro da cidade, o que nos permitiu nos cinquenta dias que estive em Luanda, desfrutar a sério daquela bonita e moderna cidade.

Durante o período de permanência em Luanda (28/10 a 18/12/1974) a nossa missão foi o patrulhamento dos bairros sub-urbanos e a segurança ao aeroporto. Foram missões de fácil execução e sem problemas de maior. Os dias de folga aproveitei-os para conhecer melhor a nova realidade. Já se tornavam evidentes as mudanças que aí vinham, só os mais distraídos não notavam que as rivalidades e ódios entre os três movimentos (MPLA, FNLA e UNITA) durante o período do conflito não se continuariam a verificar. As diferenças foram logo constatadas por mim (e pelos menos distraídos) aquando da chegada do MPLA a Luanda (os outros dois já lá se encontravam), situação que presenciei e tentei acompanhar à distância. Apesar de não assistir a nenhum espécie de confronto entre eles, ele (o confronto) estava lá, era visível, tanto assim que o movimento de famílias no aeroporto (assisti a isso), a maioria sem o chefe da mesma, era em número muito superior ao normal, o que me indicava que mais dia, menos dia, as coisas iriam descambar.

Embarquei para a metrópole a 17/12/1974 num avião dos TAM pelas 15H, cheguei a Lisboa era 0,30H do dia dezoito. Estava cumprida a minha missão de cidadão.

Muitas outras histórias ficaram por relatar neste texto, umas boas outras nem por isso.

In - Excertos do meu livro – "De Lisboa a Lisboa, Passando por Angola"